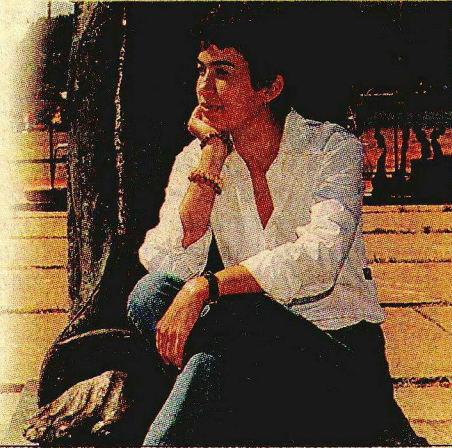


MIGRANTE CONTRA MIGRANTE

Nehil Hamilton



A baiana Luciola chegou há três meses, depois de passar em concurso

Paola Lima
Da equipe do **Correio**

O comerciante Enildo Veríssimo Gomes, 55 anos, chegou a Brasília em 1968. Saiu de Araxá, Minas Gerais, e veio para a capital federal tentar uma vida melhor. Conseguiu. Hoje é dono de um dos pontos mais tradicionais da cidade, a Pizzaria Dom Bosco, na 107 Sul. Assim como Enildo, milhares de brasileiros deixaram sua terra natal nas décadas de 60 e 70 e mudaram para Brasília atrás de condições melhores de vida.

Se, no início, esses migrantes eram bem-recebidos, sua chegada agora já não é bem-vista. De acordo com uma pesquisa qualitativa da Who — Pesquisa e Informações de Mercado, realizada em março passado especialmente para o **Correio**, a migração é considerada a principal causa do crescimento desordenado da cidade. E os brasilienses, naturais ou por afinidade, querem dar um basta na entrada irrestrita de migrantes no Distrito Federal. Cinco grupos de pessoas de diferentes classes sociais, idades e endereços participaram da pesquisa. Os entrevistados reclamaram de uma propaganda enganosa que vende Brasília como o 'paraíso das oportunidades'. E admitiram estar incomodados com a mendicância e com a crescente violência no DF, problemas que consideram resultado das migrações. A preocupação não é infundada. O DF tem uma das maiores taxas de crescimento populacional do país, quase 3% ao ano, quando a média nacional não chega a 2%. Junto com Goiânia, o DF forma a região urbana brasileira de maior crescimento. Os 10 municípios goianos que rodeiam Brasília também têm crescimento recorde: 7,8% desde 1980.

Acácio Pinheiro



Enildo e Hely, donos de um dos pontos mais tradicionais da cidade, deixaram Araxá e vieram para Brasília tentar ganhar a vida. Conseguiram

Apesar de não ter participado da pesquisa, o representante comercial Manoel Torres, 45 anos, concorda com as conclusões. Vindo de Belém, Manoel chegou a Brasília há 33 anos, mas acha que a migração é hoje um dos principais geradores de violência. “A maior parte dos migrantes vem do campo, sem qualificação profissional ou educação formal. Por isso, não conseguem encontrar trabalho”, declara. “E como eles precisam comer, têm de apelar para a mendicância e para a violência”, pondera. Manoel reconhece que não se pode proibir que o povo venha de outros estados para a capital. Mas defende uma nova política agrária que ofereça, principalmente aos trabalhadores do campo, condições para que vivam em suas terras. “Do contrário, essas pessoas vão continuar em uma condição de sobrevivência, só que nas ruas de Brasília”, completa. A aversão aos forasteiros, no entanto, não é um fenômeno exclusivo de Brasília. A mesma situação acontece em São Paulo, com relação aos nordestinos que desembarcam por lá. E em países da Europa e nos Estados Unidos, os imigrantes, principalmente os de países subdesenvolvidos, também não são bem-vindos. Em pe-

ríodos de desemprego, o maior medo é a concorrência. Em toda a Europa, partidos de direita já levantaram a bandeira do protecionismo e alardeiam uma política de controle da imigração. No início do ano, na França, o primeiro ministro Lionel Jospin criou uma lei de imigração, para normatizar a entrada de estrangeiros no país. O Partido do Povo, na Suíça, e a Liga do Norte, na Itália, também apresentam discursos anti-imigrantes, com a defesa da qualidade de vida como pano de fundo.

PAU-DE-ARARA

Na pesquisa da Who, os entrevistados asseguraram que o movimento não pára. Quando alguém consegue um lote ou um emprego, avisa os parentes e amigos e os incentiva a vir para a cidade. O parentesco com moradores é, inclusive, um dos maiores

atrativos para os novos migrantes. “Ninguém chega em Brasília sozinho, quem vem tem algum contato na cidade”, diz o empresário Enildo.

FLUTUAÇÃO

Número de migrantes que chegaram a Brasília e foram registrados pelo governo

1991	7.547
1992	6.824
1993	4.463
1994	2.329
1995	1.940
1996	3.612
1997	6.105
1998	6.197
1999	3.240

Enildo ressalta que a migração tem diminuído. “Na década de 60 chegavam 10, 15 paus-de-arara por dia. Naquela época, Brasília era bem mais receptiva”, lembra. “Hoje, ela não é mais promissora como antes”, alega. A grande polêmica da migração discutida pelos moradores da capital federal é que Brasília não tem mais estrutura para receber gente de fora. O crescimento rápido e desordenado dos últimos anos transformou a cidade e ameaça a qualidade de vida tão divulgada entre os outros estados. “Infelizmente, a área do Distrito Federal não comporta mais uma população sempre crescente”, lamenta Ney Carneiro,

empresário e dono da Casa das Meias. Há 40 anos em Brasília, Ney garante que vir para o DF não é mais a mesma coisa. “A cidade cresceu demais e apresenta problemas de moradia, racionamento de água, trânsito caótico e violência.”

ESPERANÇAS

As descrições negativas feitas pelos migrantes mais antigos, no entanto, não assustam os recém-chegados. O mineiro Cosme Clementino da Silva, 39 anos, veio para Brasília há dois meses à procura de emprego. Cosme trabalhava com distribuição de bebidas em Belo Horizonte, mas perdeu o emprego e não possuía perspectivas de melhoras na capital mineira. Aceitou o convite do irmão, que trabalha como caseiro no Novo Gama, e resolveu apostar em uma vida melhor no DF. “Tenho esperanças”, diz Cosme. “Quero conseguir um trabalho bom para mim”, afirma. Cosme revela que decidiu vir para Brasília porque, como capital do país, a cidade oferece mais oportunidades. Mas, caso não der certo, não vacila: “Volto para Minas”. Nem todo mundo que chega a Brasília, no entanto, a enxerga como a ‘capital das oportunidades’.

A dentista Luciola Fraga dos Santos, 25 anos, veio há três meses para Brasília, estudar e trabalhar. Luciola deixou o interior da Bahia, porque passou no concurso do Banco do Brasil. Mas diz que poderia ter ido para outra capital. “Fiz concurso em outros lugares. Como passei aqui e conhecia gente na cidade, decidi vir”, afirma. Luciola admite que não vê Brasília como um lugar bom para ‘enricar’, como muita gente divulga. “Hoje, Brasília é uma capital com boa qualidade de vida, mas com problemas como qualquer outra cidade”, declara.

DESENVOLVIMENTO

Apesar de saber que não podem cercar o direito de ir e vir dos brasileiros, os brasilienses, principalmente os mais jovens, querem que a migração seja controlada. Na pesquisa, houve sugestão até de triagens nas rodoviárias, para selecionar quem realmente teria condições de moradia e trabalho na cidade. Para o futuro, a população exige um crescimento ordenado. E aponta como primeiro passo a ser dado a troca de uma política de crescimento por uma de estruturação. Além disso, apostam em políticas de desenvolvimento regionais como forma de conter a migração. “Brasília é a única opção que os migrantes têm para crescer”, considera Aldo Paviani, geógrafo e pesquisador de Geografia Urbana, do Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais da UnB. “As pessoas que chegam na cidade não têm onde morar, têm baixa qualificação profissional e geralmente têm um grande número de filhos”, descreve. “Mas elas estão vindo de lugares ainda mais pobres.” Paviani acredita que a única solução para o problema é um planejamento das potencialidades e vocações das regiões brasileiras, junto com um programa de incentivo a essas atividades. “Só assim, as pessoas teriam como permanecer na sua terra natal.” O geógrafo alerta ainda que a reivindicação por uma política de crescimento não pode se transformar em preconceito. “Este é um problema sério e, para que ninguém seja discriminado, é preciso acabar com essa falta de sensibilidade com outros cidadãos brasileiros”, ressalta. “E afinal, quem não é migrante nessa cidade?”, provoca.

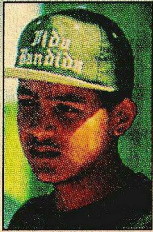
NA BOCA DO POVO

MAYK JEAN DA C. SANTOS
19 anos, piauiense, seis anos em Brasília



■ “Sou a favor. Assim com eu vim, outros também podem vir. Se for para trabalhar, para se esforçar e melhorar de vida, não tem problema. O que não dá é vir para cá só pensando em ganhar lote, cesta básica.”

LUIZ VINICIUS DA S. LEITE
15 anos, brasiliense



■ “Sou contra. Quem quer vir para Brasília tem de ter alguma coisa garantida: emprego, casa de parente, qualquer coisa. Não dá para vir para cá sem nada e se transformar em invasor. Assim só aumentam as invasões e o povo na rua.”

WILSON R. AVEIRO
58 anos, mineiro, 22 anos em Brasília



■ “Sou contra. Brasília já não comporta a chegada de migrantes como antes. A migração tem de ser contida. Aqui não tem mais campo para quem vem de fora, sem qualificação profissional. Aqui não tem mais nada para elas fazerem.”

MARIA DE L. LIBERAL
49 anos, pernambucana, 31 anos em Brasília



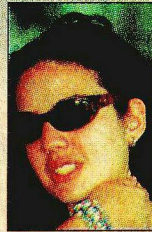
■ “Sou a favor. O sol nasce para todos. Não temos como proibir a migração. Se eles não têm condições de viver onde nasceram, é justo que tentem lugares melhores. Temos que nos perguntar se, de onde elas vêm, não é pior.”

ZENETE G. ALMEIDA
27 anos, baiana, 23 anos em Brasília



■ “Sou contra. A migração tem de parar. Vir para cá agora não resolve mais a vida de quem chega, e ainda atrapalha a de quem está aqui há tempos. Não tem mais espaço. Em todo lugar tem invasão, favelas. Brasília está cheia demais.”

ERIKA CHAD, 19 ANOS
paulista, um ano e meio em Brasília



■ “Sou a favor. A gente não sai daqui para ir aos Estados Unidos tentar melhorar de vida? Por que as pessoas não podem vir pra cá? Só que elas deviam vir com perspectivas de trabalho. Sou contra a quem vem só no Natal para ganhar doações.”